A Ideia de Tradição no Modernismo Brasileiro.

The Idea of Tradition in Brazilian Modernism.

Victor Emanuel Vilela Barbuy
http://lattes.cnpq.br/1147528646054401

Resumo:

No presente artigo, trataremos da ideia de Tradição no Modernismo Brasileiro, buscando demonstrar que o Modernismo, em sua vertente equilibrada e construtiva, longe de romper com a Tradição, defendeu-a e cultivou-a sempre, conciliando-a com a Inovação e a Renovação. Com efeito, há dois modernismos distintos, um deles equilibrado e construtivo, que respeita a tradição e o belo, e o outro radical e destrutivo, que rejeita a tradição e o belo. Não negamos os méritos dos modernistas demolidores, mas entendemos que são eles sobrevalorizados na mesma medida em que são subvalorizados os modernistas construtores, cuja obra é, aliás, em nosso entender, superior à dos primeiros, decorrendo tal superioridade justamente do fato de não terem seus autores rompido com a tradição e com o belo.

Palavras-chave: Modernismo. Tradição. Literatura e Cultura Brasileira.

Abstract:

In this article, we will deal with the idea of Tradition in Brazilian Modernism, seeking to demonstrate that Modernism, in its balanced and constructive strand, far from breaking with Tradition, always defended and cultivated it, conciliating it with Innovation and Renewal. Indeed, there are two distinct modernisms: one balanced and constructive, respecting tradition and beauty, and another radical and destructive, rejecting tradition and beauty. We do not deny the merits of the demolishing modernists, but we believe they are overvalued, whereas the constructive modernists are undervalued. In our opinion, the latter's work surpasses the former's, precisely because its authors did not break with tradition and beauty.

Keywords: Modernism. Tradition. Brazilian Literature and Culture.

Introdução

No presente artigo, trataremos da ideia de Tradição no Modernismo Brasileiro, procurando demonstrar que o Modernismo, em sua vertente equilibrada e construtiva, longe de romper com a Tradição, defendeu-a e cultivou-a sempre, conciliando-a com a Inovação e a Renovação.

Isto posto, cumpre salientar que diversas são as acepções tanto do termo "Tradição" quanto do vocábulo "Modernismo". Neste trabalho, entenderemos este último como um movimento literário, artístico e cultural[1] que teve lugar a partir das primeiras décadas do século XX em diversos países da Europa e da América,[2] incluindo o Brasil.[3] A palavra "Tradição", por seu turno, será aqui compreendida tanto como a transmissão, a entrega constante de um patrimônio de valores espirituais, culturais e religiosos essenciais a uma comunidade ao longo das gerações (BARBUY, 2016, p. 192) ou, como diria Marcello Veneziani (2005), "de pai para filho", quanto como o corpo constituído pelos trabalhos, gêneros, estilos, temas e técnicas transmitidos ao longo das gerações ou, em outros termos, a tradição literária.[4] Esta última, aliás, não deixa de fazer parte da primeira, que vem a ser o pilar e a seiva da Pátria e da Nação (BARBUY, 2016, p. 192) ou, como afirmou Francisco Elías de Tejada (1950, p. 127), a "medula dos povos", e que se elabora incessantemente, sendo, conforme assinalamos algures (BARBUY, 2016, p. 193), a transmissão, a entrega constante, ao longo das gerações, de um patrimônio de cultura e de valores substanciais de uma sociedade, mantidos na sua essência, corrigidos sempre que necessário e constantemente aprimorados. Alhures definida por nós (2016, p. 193), em paráfrase a José de Alencar (1883, p. 2), como a "arca veneranda da sabedoria de nossos maiores, consolidada pelos séculos e apurada pelas gerações", a Tradição representa, nos dizeres de António Sardinha (1959, p. 10), a "continuidade no desenvolvimento" e a "permanência na renovação", e não é todo o Passado, mas tão somente aquela porção do Passado que "sobrevive e tem virtude para fazer-se futuro" (PRADERA, 1947, p. 15) ou, nas palavras do poeta modernista brasileiro Ribeiro Couto (1960, p. 446), o "passado que é presente e que é futuro".

[1] Não tratamos aqui, portanto, por exemplo, do chamado modernismo religioso, condenado pelo Papa São Pio X na Encíclica *Pascendi Dominici Gregis*, dada em Roma aos 8 de setembro de 1907 (SÃO PIO X, 1907).
[2] Para uma visão geral do Modernismo: WILSON (1931/2004); CARPEAUX (2012); BRADBURY e MCFARLANE (1989); SILVESTRE (2010, pp. 472-476); TELES (1982).
[3] Sobre o Modernismo no Brasil: MARTINS (2002; s/d); BOPP (2012); SILVEIRA (1932); PICCHIA (1972; 1983; 1992); ANDRADE (1942); COUTINHO (2004); COUTINHO e SOUSA (1995, pp. 915-925); BATISTA, LOPEZ e LIMA (1973); MOISÉS (1989); ARAÚJO (1958); CÁPUA (2017); HADDAD (1945, pp. 47-53); LIMA (1959); BOSI (2021); NEJAR (2011); AMORA (1958); BARBUY (2023).
[4] Sobre a tradição literária consultem-se, dentre outros: ELIOT (1919a, pp. 54-55; 1919b, pp. 72-73; 1989, pp. 37-48); CURTIUS (1948); HIGHET (1949); BLOOM (1974, pp. 528-538); CECHINEL (2022).

Assim, a Literatura Pátria, que é, ela própria, uma tradição, é também parte integrante da Tradição Nacional e, enquanto José de Alencar (1872, p. XII) dizia que "a literatura nacional não é senão a alma da pátria", nós dizemos que é ela uma parte importante dessa alma, que é a Tradição Nacional.

Consoante buscaremos demonstrar neste trabalho, existem dois modernismos literários, artísticos e culturais diversos, a saber: o modernismo construtivo, que respeita a tradição e o belo, e o modernismo destrutivo, que não respeita a tradição e o belo. Conforme escrevemos certa vez (BARBUY, 2023, p. 51), o primeiro de tais modernismos é o daqueles que têm consciência de que para se construir o Canal de Suez não foi necessário destruir as pirâmides, do mesmo modo que para se reconhecer o valor de um Debussy ou de um Villa-Lobos não é preciso rejeitar um Chopin ou um Carlos Gomes, ao passo que o segundo é o modernismo daqueles que supõem o contrário, rejeitando todos ou quase todos os grandes autores e obras do pretérito e assim rompendo o fio da Tradição.

O primeiro desses modernismos é o modernismo representado no Brasil da década de 1920, em São Paulo, pelo Movimento Verde-Amarelo, chefiado por Plínio Salgado, Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo e, no Rio, pelo grupo da revista *Festa*, encabeçado por Tasso da Silveira e Andrade Muricy e de que participou a poetisa Cecília Meireles, e também o modernismo de autores como Guilherme de Almeida, Ribeiro Couto, Ronald de Carvalho, Augusto Frederico Schmidt, Jorge de Lima e mesmo Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, enquanto o segundo vem a ser o modernismo radical de Mário e Oswald de Andrade.

Dito isto, cumpre frisar que, em nosso trabalho, utilizamos a metodologia exploratória, bibliográfica e descritiva, consultando diversos livros e periódicos e elaborando uma descrição dissertativa a respeito do tema.

A ideia de Tradição no Modernismo Brasileiro

Como restou dito na introdução do presente artigo, o Modernismo vem a ser um movimento literário, artístico e cultural que ocorreu nas primeiras décadas do século XX em diferentes países dos continentes europeu e americano, incluindo o Brasil.

O Modernismo compreende, pois, um variado grupo de estéticas de vanguarda que se constituíram na Europa a partir da primeira década do século XX e das quais o Futurismo[5] foi a manifestação mais ruidosa, se não a mais importante (MARTINS, s/d, p. 163). A propósito, faz-se mister assinalar que foi sob o nome de Futurismo que se designaram, a princípio, os escritores, poetas e artistas brasileiros envolvidos no esforço de renovação literária e artística do Brasil. Cumpre ressaltar, porém, que, em nosso País, acrescentava-se desde logo às preocupações estéticas, características dos movimentos renovadores europeus, o desejo de criar, ao mesmo tempo, uma arte essencialmente brasileira (s/d, p. 163), tendo, portanto, um caráter sadiamente nacionalista. Esse caráter nacionalista, aliás, aproxima o Modernismo do Romantismo Brasileiro, que pode, assim como o Simbolismo, ser considerado, sob determinados aspectos, um precursor do Modernismo e que se constituiu numa afirmação da nacionalidade ou, nos dizeres de Cândido Motta Filho (1932, p. 125), do "eu nacional".

Assim, o Modernismo, ainda que considerado restritamente como uma escola literária e artística, situa-se inegavelmente na mesma inquietação espiritual que, desde meados da década de 1910, se traduzia em diferentes manifestações nacionalistas, a exemplo da fundação da *Revista do Brasil*, da instalação da Liga de Defesa Nacional, da campanha em prol do serviço militar obrigatório e assim por diante (MARTINS, s/d, p. 163). Já em perspectivas largas, o Modernismo foi uma face de um grande ímpeto de reforma e renovação não apenas literária, artística e cultural, mas também política e cultural (s/d, p. 164).

O Modernismo Brasileiro tem como grande marco a Semana de Arte Moderna de 1922,[6] que, com seus desdobramentos, pode ser considerada um genuíno marco renovador da Cultura Brasileira e um lídimo brado de independência intelectual e artística da nossa Nação (BARBUY, 2023, pp. 196-197). Foi tal Semana, a um só tempo, o ponto de encontro das diversas tendências que desde a I Guerra Mundial vinham se formando em São Paulo e no Rio de Janeiro, e a plataforma que permitiu a consolidação de grupos e a publicação de livros,[7]

[5] Sobre o Futurismo: BERNARDINI (1980).
[6] Sobre a Semana de Arte Moderna de 1922: BOAVENTURA (2008); PICCHIA (1992); GONÇALVES (2012); CÁPUA (2017); BARBUY (2023).
[7] Em sua *História concisa da Literatura Brasileira*, Alfredo Bosi, tendo tratado de *Pauliceia desvairada* (1922), de Mário de Andrade, sublinhando que tal obra, "primeiro livro de poesia integralmente nova" (BOSI, 2021, p. 359), fora escrita entre 1920 e 1921, mas só publicada no ano da Semana de Arte Moderna, isto é, em 1922, afirmou que deste tal ano até o final da década de 1920 apareceram "obras fundamentais para a inteligência do Modernismo" (2021, p. 363): em 1923, *as Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade; em 1924, *O ritmo dissoluto*, de Manuel Bandeira; em 1925, *A escrava que não é Isaura*, de Mário de Andrade; *Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade; *Meu* e *Raça*, de Guilherme de Almeida, e *Chuva de pedra*, de Menotti del Picchia; em 1926, *Losango cáqui*, de Mário de Andrade; *Toda a América*, de Ronald de Carvalho; *Vamos caçar papagaios*,

revistas[8] e manifestos,[9] "numa palavra, o seu desdobrar-se em viva realidade cultural" (BOSI, 2021, p. 363).

Consoante sublinhamos na introdução do presente trabalho, há dois modernismos diversos: o modernismo construtivo, edificador, que respeita a tradição e o belo, e o modernismo destrutivo, demolidor, que não respeita a tradição e nem o belo. Aliás, na conferência *O Movimento Modernista*, lida no Salão de Conferências da Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores, no Palácio do Itamaraty, no Rio de Janeiro, no dia 30 de abril de 1942, Mário de Andrade, representante deste modernismo demolidor, já falava sobre esses dois modernismos. Com efeito, segundo afirmou Mário de Andrade (1942, pp. 39-42) na aludida conferência, embora tenha lançado "inúmeros processos e ideias novas, o modernismo foi essencialmente destruidor", inclusive para os seus próprios adeptos, "arrebatados pelos ventos da destruição" e por eles prejudicados em sua "capacidade de produção e serenidade criadora". De acordo como o romancista de *Macunaíma* (1942, p. 40), existiam, porém, alguns modernistas que pretendiam construir e não destruir, citando Plínio Salgado como primeiro exemplo desses modernistas edificadores e dizendo que justamente por almejar construir e não demolir, Plínio "era posto de

de Cassiano Ricardo, e *O estrangeiro*, de Plínio Salgado; em 1927, *Amar verbo intransitivo* e *Clã do jabuti*, de Mário de Andrade; *Estrela de absinto*, de Oswald de Andrade; *Brás, Bexiga e Barra Funda*, de Alcântara Machado*; Estudos* (1ª série), de Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima); em 1928, *Macunaíma*, de Mário de Andrade; *Martim Cererê*, de Cassiano Ricardo; Laranja da China, de Alcântara Machado, e a redação inicial de *Cobra Norato*, de Raul Bopp, que só publicaria tal obra três anos mais tarde (BOSI, 2021, p. 363). Poderíamos acrescentar outras obras a tal lista, como *O crime do estudante Batista* (1922), *Poemetos de ternura e melancolia* (1924), *Um homem na multidão* (1926) e *Baianinha e outras mulheres* (1927), de Ribeiro Couto; *Canto do brasileiro* (1928), de Augusto Frederico Schmidt; *A alma heroica dos homens* (1924) e *Alegorias do homem novo* (1926), de Tasso da Silveira; *Casa destelhada* (1927), de Rodrigues de Abreu; *República dos Estados Unidos do Brasil,* de Menotti Del Picchia (1928)*; Literatura e Política* (1927), de Plínio Salgado; *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, e *Novos poemas* (1929), de Jorge de Lima. Nos anos seguintes, surgiriam novas importantes obras do Modernismo, a exemplo de *Libertinagem* (1930) e *Estrela da manhã* (1936), de Manuel Bandeira; *Alguma poesia* (1930), de Carlos Drummond de Andrade; *Poemas* (1930), de Murilo Mendes; *Noroeste e outros poemas do Brasil* (1933), de Ribeiro Couto; *Canto da noite* (1934), de Augusto Frederico Schmidt; *Cântico ao Cristo do Corcovado* (1931) e *Definição do Modernismo Brasileiro* (1932), de Tasso da Silveira, e *O esperado* (1931), *O cavaleiro de Itararé* (1933) e *A voz do Oeste* (1934), de Plínio Salgado.

[8] Dentre essas revistas, podemos destacar as seguintes: **Klaxon** (São Paulo, 1922-1923), **Árvore Nova** (Rio de Janeiro, 1922), **Novíssima** (São Paulo, 1923-1926), **Estética** (Rio de Janeiro, 1924-1925), **A Revista** (Belo Horizonte, 1925-1926), **Terra roxa e outras terras** (São Paulo, 1926), **Festa** (Rio de Janeiro, 1927-1928; 1934-1935), **Verde** (Cataguases, MG, 1927-1929), **Electrica** (Itanhandu, MG, 1928-1929), **Revista de Antropofagia** (São Paulo, 1928-1929) e **Cadernos da Hora Presente** (São Paulo, 1939-1940).

[9] Dentre tais manifestos, podemos destacar o Manifesto da Poesia Pau-Brasil, de Oswald de Andrade (publicado no jornal **Correio da Manhã**, do Rio de Janeiro, em 18 de março de 1924); *A anta e curupira*, de Plínio Salgado (lido em 1926, na sede do jornal **Correio Paulistano**, de São Paulo, e publicado no mesmo ano, na forma de opúsculo, pela Editorial Helios Ltda., também de São Paulo); o Nhengaçu Verde-Amarelo, também de Plínio Salgado (escrito em 1926 ou 1927 e dado à estampa no jornal **Correio Paulistano**, da Capital Paulista, em 17 de maio de 1929), e o Manifesto Antropofágico, de Oswald de Andrade (dado à publicidade em maio de 1928, no primeiro número da **Revista de Antropofagia**, de São Paulo), sem contar o **Manifesto regionalista**, de Gilberto Freyre, lido pelo autor no Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo, ocorrido no Recife em 1926, e só publicado em 1952.

parte" pelos modernistas demolidores como ele, Mário de Andrade, por isso jamais tendo posto os pés nos salões por eles frequentados. Do mesmo modo, de acordo com o poeta da *Pauliceia desvairada* e da *Lira paulistana* (1942, pp. 40-41), Graça Aranha, que também "sonhava construir, se atrapalhava muito" entre tais modernistas, que, ademais, ficavam assombrados quando a "'gente séria'" do grupo de *Festa*, do Rio de Janeiro, tomava a sério suas blagues e arremetia contra eles.

Como afirmou, honestamente, Mário de Andrade (1942, p. 42), o movimento de Inteligência que ele e outros representavam naquilo que considerava ser sua fase "verdadeiramente modernista" não foi o fator das mudanças político-sociais posteriores a ele no Brasil. Segundo ele (1942, pp. 64), a "normalização do espírito de pesquisa estética, antiacadêmica, porém não mais revoltada e destruidora", foi a seu ver "a maior manifestação de independência e de estabilidade nacional que já conquistou a Inteligência brasileira". Nas palavras do autor de *O empalhador de passarinho* (1942, pp. 64-65),

> como os movimentos do espírito precedem as manifestações das outras formas da sociedade, é fácil de perceber a mesma tendência e conquista de expressão própria, tanto na imposição do verso livre antes de 30, como na "marcha para o Oeste" posterior a 30; tanto na *Bagaceira* [de José Américo de Almeida], no *Estrangeiro* [de Plínio Salgado], na *Negra Fulô* [de Jorge de Lima] anteriores a 30, como no caso da Itabira e a nacionalização das indústrias pesadas, posteriores a 30.

Consoante restou dito, o modernismo edificador é o modernismo que não rompe com o belo e com a tradição e já no "Manifesto de Novíssima", publicado em dezembro de 1923 no primeiro número da revista modernista **Novíssima**, de São Paulo, dirigida por Cassiano Ricardo e Francisco Pati, afirma-se que **Novíssima** não seria "destruidora do passado e da tradição" e, não abjurando "de um credo renovador", osculava "as mãos à velhice, cujos ensinamentos encerram a poeira dourada dos séculos, a sabedoria dos milênios, o prestígio da eternidade" (In: GUELFI, 1987, p. 226). Plínio Salgado, que colaborou em *Novíssima* desde o primeiro número de tal periódico e que a partir de 1925 seria listado como um dos seus três orientadores literários, ao lado de Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo, já assinalava, em artigo publicado no jornal **A Gazeta**, de São Paulo, em 20 de fevereiro de 1922, que era um erro dos modernistas mais exaltados a ideia de que para edificar uma nova arte era preciso romper com o passado e a tradição (SALGADO, 1922, p. 3). Conforme fez ver o então futuro romancista de *O estrangeiro* e de *O esperado* (1922, p. 3), parte do movimento modernista assumira "a forma da negação de toda uma cultura de séculos", não falando "em evoluir, em ambientar a arte no cenário

moderno", mas sim em "destruir o passado". Em seu entender (1922, p. 3), para esses modernistas radicais, antes de abrir o Canal de Suez era preciso arrasar as pirâmides de Sesóstris e "a arte nova tinha de dançar sobre um cadáver", o que era uma ideia totalmente absurda.

Conforme salientou Plínio Salgado, no aludido artigo (1922, p. 3), preconceitos como os praticados por alguns modernistas eram justamente os males do academismo que combatiam e "todo ritmo novo é uma combinação de ritmos velhos" e a conferência de Menotti Del Picchia no segundo festival da Semana de Arte Moderna "esclareceu esta questão literária e pôde ser considerada, com certas restrições, um traço luminoso entre o passado e o presente projetando-se no futuro".

Em julho de 1925, no primeiro número do periódico modernista **A Revista**, de Belo Horizonte, foi dado à estampa o artigo "Sobre a Tradição em Literatura", em que Carlos Drummond de Andrade (1925, p. 32) enfatizou que "o próprio da tradição é renovar-se a cada época" e que "romper com os preconceitos do passado não é o mesmo que repudiá-lo", atacando os que defendiam uma ideia de tradição fossilizada e avessa a qualquer inovação.

Assim, o modernismo equilibrado e edificador rejeita tanto o modernismo demolidor e antitradicional quanto o falso tradicionalismo passadista e imobilista, refratário a qualquer renovação ou inovação.

Em trecho de seu ensaio intitulado Cateretê n. 5 para sanfona e violão, publicado na revista *Festa* em junho de 1928 (1928a, pp. 5-8) e transcrito na obra *Definição do Modernismo Brasileiro*, de 1932 (1932, pp. 76-88), Tasso da Silveira comentou que o grupo de *Festa*, por ele encabeçado, representava, no dizer de Tristão de Athayde, um "modernismo continuador", sendo seus adeptos, nas palavras de Carlos Chiacchio, "tradicionistas dinâmicos", explicando, em seguida, que esta última expressão era válida para designá-los, desde que ficassem bem definidos os seus dois termos (SILVEIRA, 1932, p. 84). Segundo o poeta do *Puro canto* e do *Cântico ao Cristo do Corcovado* (1932, p. 85), os membros do grupo de *Festa* eram "tradicionistas, sim", porém "não por amor à velharia bolorenta, à poeira morta do passado", sendo tradição, para eles, "o que exprime o espírito", "o que indica o rumo próprio", "o que revela o destino", assim como "o sentido interior dos gestos que perduraram, das palavras que não se perderam, das atitudes em que o homem apareceu transfigurado". Do mesmo modo, para o autor de *Definição do Modernismo Brasileiro* e de *Tendências do pensamento contemporâneo*

(1932, p. 85), eram os membros do grupo de *Festa* dinâmicos, mas "não tomados do delírio idiota do movimento pelo movimento", da febril agitação "de quem deseja esquecer-se de si mesmo, por não encontrar em si mesmo o profundo estímulo à vida profundamente vivida", e sim dinâmicos "por ansiedade criadora", pelo invencível desejo de se edificar aquilo que por suas mãos devia ser edificado, "por anelo da Realidade mais alta de que em nós mesmos temos a promessa", "por sede e fome de plenitude".

Em breve ensaio a propósito da Tradição enfeixado na obra *Alegria criadora*, publicada nesse mesmo ano de 1928 (1928b, p. 215), Tasso da Silveira salientou que "todos os grandes povos cultuam a tradição" e que se pode dizer mesmo que dá um povo a medida de sua grandeza no respeito que vota à sua Tradição e ao seu Passado. Anos mais tarde, no artigo intitulado Duas meditações, publicado no suplemento **Letras e Artes**, do jornal **A Manhã**, do Rio de Janeiro, em 18 de junho de 1950, Tasso da Silveira (1950, p. 2) ressaltou que "duas coisas são indispensáveis a um povo para que harmoniosamente se desenvolva em suas extremas possibilidades: o senso da tradição e o senso da perfeição". Ainda conforme frisou o autor d'*O Canto Absoluto* e dos *Cantos do campo de batalha* (1950, p. 2),

> O senso de tradição, prendendo-o amorosamente ao passado histórico, mantém-no ligado às fontes de sua alma profunda. Dá-lhe organicidade e resistência, pois que faz dele, no presente, a condensação prodigiosa de todos os momentos, de todas as experiências, de toda a vida que anteriormente viveu. Dá-lhe seguro instinto de direção, pois os movimentos que operou no passado são sempre índices de sua natureza substancial, de sua psicologia própria, de suas vocações particulares. Pelo culto permanente à memória de seus santos, seus heróis, seus poetas, seus estadistas, seus realizadores estrênuos de outrora, pela recordação indescontínua dos grandes feitos, dos grandes sonhos, dos grandes trabalhos da existência pretérita, alimenta em si mesmo um povo as virtudes heroicas, a força de ideal, a capacidade de efetivação no presente, em demanda do futuro.

Dois anos antes, em 1948, na obra *O ritmo da História*, Plínio Salgado observou que "Tradição e Progresso estão de tal sorte unidos, que este não pode existir sem aquela nem aquela sem este" (1978, p. 215) e que perder a Tradição é, tanto para os indivíduos quanto para os povos, perder a memória e, com esta, a noção de seu próprio ser e de seu definido que-fazer (1978, p. 210). É, segundo o autor, o total embrutecimento, que prepara o ente humano, assim como as nacionalidades, para a abdicação de sua liberdade e a degradação dos grandes cativeiros morais, econômicos e políticos. E, por falar em Plínio Salgado e em Tradição, cumpre assinalar que,

como frisou D. Arnoldo Nicolau de Flue Gut (1940, p. 22), tradicionalismo e modernismo "atuaram igual e poderosamente sobre Plínio Salgado", tanto em seus escritos no campo da literatura pura quanto naqueles da literatura moral, sociológica e política e, como destacou Augusta Garcia Rocha Dorea (1978, p. 37), é na Tradição, no Passado Vivo, na História e nos mitos e lendas pátrios que está a realidade brasileira e, tendo consciência deste fato, Plínio Salgado procurou ressuscitar e reavivar tudo isso no coração de seus contemporâneos, despertando-os para um sadio e construtivo nacionalismo. Com efeito, como enfatizou esta última autora (1978, p. 37), Plínio Salgado rememorou fatos históricos, afirmando que o Brasil tem um Passado digno de ser lembrado, uma História digna de ser narrada, uma Tradição que deve ser cultivada, sendo uma Pátria e uma Nação justamente porque tem Passado, História e Tradição.

Considerações Finais

Como julgamos haver demonstrado ao longo deste artigo, existem dois modernismos, um deles radical, demolidor e contrário à tradição e ao belo e o outro equilibrado, construtivo e cultivador da tradição e do belo, sendo este último, em nosso entender, como, aliás, também na insuspeita opinião de Mário de Andrade (1942, p. 64), o grande responsável pelas mudanças sociais e políticas operadas no Brasil dos anos seguintes ao seu surgimento. Não negamos os méritos dos modernistas demolidores, a exemplo do próprio Mário de Andrade, mas entendemos que são eles sobrevalorizados em nosso País na mesma proporção em que são subvalorizados os modernistas edificadores, cuja obra é, aliás, em nosso sentir, superior à dos primeiros, sendo tal superioridade decorrente, antes de tudo, justamente do fato de não terem seus autores rompido com a tradição e com o belo.

Referências Bibliográficas

ALENCAR, José de. *Sonhos d'ouro: romance brasileiro.* 1ª edição. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872, Tomo I.

_____. *A propriedade*. Prefação do Conselheiro Dr. Antônio Joaquim Ribas. Rio de Janeiro: B. L. Garnier – Livreiro-Editor, 1883.

AMORA, Antônio Soares. *História da Literatura Brasileira*. 2ª edição, revista e ampliada. São Paulo: Edições Saraiva, 1958.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Sobre a Tradicção em Literatura. In: **A Revista**, Ano I, Nº 1, Belo Horizonte, Jul. de 1925, pp. 32-33.

ANDRADE, Mário de. *O Movimento Modernista*. Rio de Janeiro: Edição da Casa do Estudante do Brasil, 1942.

ARAÚJO, Murillo. *Quadrantes do Modernismo Brasileiro.* 1ª edição. Rio de Janeiro: MEC, 1958.

BARBUY, Victor Emanuel Vilela. Notas sobre a Tradição. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, Ano CXXII, Volume C, São Paulo, 2016, pp. 191-203.

_____. *Plínio Salgado, a Semana de 1922 e o Modernismo.* Rio Branco: Nova Offensiva Editorial, 2023.

BATISTA, Marta Rossetti; LOPEZ, Telê Porto Ancona e LIMA, Yone Soares de (Organizadoras). *Brasil: 1º tempo modernista: 1917/29*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1973.

BERNARDINI, Aurora Fornoni. *O Futurismo Italiano.* São Paulo: Perspectiva, 1980.

BLOOM, Harold. The Dialectics of Literary Tradition. In: **Boundary 2**, Vol. 2, Nº 3, Durham, NC, Duke University Press, primavera de 1974, pp. 528-538.

BOAVENTURA, Maria Eugênia (Organizadora). *22 por 22: A Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos.* 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2008.

BOPP, Raul. *Movimentos modernistas no Brasil: 1922-1928*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2012.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura* Brasileira. 53ª edição. São Paulo: Cultrix, 2021.

BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James. *Modernismo: Guia Geral.* Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CÁPUA, Cláudio de. *Revolução na Pauliceia: Semana de Arte Moderna de 1922*. São Paulo: EditorAção, 2017.

CARPEAUX, Otto Maria. *O Modernismo por Carpeaux: As vanguardas europeias, as revoltas modernistas, a I Guerra Mundial, Freud, Joyce, Proust, O' Neill, Franz Kafka, entre outros* (*História da Literatura Ocidental*, volume 9). São Paulo: Leya, 2012.

CECHINEL, André. *Tradição em T. S. Eliot: Contornos do conceito.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2022.

COUTINHO, Afrânio (Coordenador). *A Literatura no Brasil: Era modernista.* 7ª edição. São Paulo: Global Editora, 2004.

COUTINHO, Afrânio e SOUSA, J. Galante (direção). *Enciclopédia de Literatura Brasileira.* Volume 2. 1ª edição. 2ª tiragem. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Fundação de Assistência ao Estudante, 1995, pp. 915-925 (verbete "Modernismo").

COUTO, Rui Ribeiro. *Entre mar e rio*. 3ª edição. In: *Poesias reunidas*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1960.

CURTIUS, Ernst Robert. *European Literature and the Latin Middle Ages.* Tradução de Willard Trask. Princeton: Princeton University Press, 1948.

DOREA, Augusta Garcia Rocha. *O romance modernista de Plínio Salgado*. 2ª edição, São Paulo: IBRASA, Brasília, INL (Instituto Nacional do Livro), 1978.

ELÍAS DE TEJADA, Francisco. La lección política de Navarra. In: **Reconquista**, Ano I, Volume I, Nº 2, São Paulo, 1950.

ELIOT, T. S. Tradition and the Individual Talent. In: **The Egoist**, Vol. VI, Nº 4, London, Set. de 1919, pp. 54-55 (1919a).

_____. Tradition and the Individual Talent (continuação). In: **The Egoist**, Vol. VI, Nº 5, London, Dez. de 1919, pp. 72-73 (1919b).

_____. Tradição e talento individual. In: *Ensaios*. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989, pp. 37-48.

GONÇALVES, Marcos Augusto. *1922: a Semana que não terminou*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GUELFI, Maria Lúcia Fernandes. *Novíssima: Estética e ideologia na década de vinte*. São Paulo: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1987.

GUT, D. Arnoldo Nicolau de Flue. *Plínio Salgado, o creador do Integralismo Brasileiro na Literatura Brasileira*. München: Pilger-Druckerei G. m. b. H., Speyer a. Rh., 1940

HADDAD, Jamil Almansur. O modernismo brasileiro. In: **Planalto**, N.º 13, São Paulo, Natal de 1945, pp. 47-53.

HIGHET, Gilbert. *The Classical Tradition: Greek and Roman Influences on Western Literature.* 1ª edição: Oxford: Clarendon Press, 1949.

LIMA, Alceu Amoroso. *Quadro sintético da Literatura Brasileira.* 2ª edição revista e aumentada. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1959.

MARTINS, Wilson. *A ideia modernista*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2002.

_____. "Modernismo". In: PAES, José Paulo e MOISÉS, Massaud. *Pequeno dicionário de Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, s/d, pp. 163-165.

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira: Modernismo (1922-Atualidade).* São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1989.

NEJAR, Carlos. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Leya, 2011.

PICCHIA, Menotti Del. *A longa viagem: 2ª etapa (da Revolução Modernista à Revolução de 1930).* São Paulo: Martins; Conselho Estadual de Cultura, 1972.

_____. *O Gedeão do Modernismo: 1920*-22. Introdução, seleção e organização por Yoshie Sakiyama Barreirinhas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1983.

_____. *A "Semana" revolucionária.* Organização, apresentação, resumo biográfico e notas de Jácomo Mandatto. Campinas, SP: Pontes, 1992.

PIO X, São. Encíclica *Pascendi Dominici Gregis*, dada em Roma aos 8 de setembro de 1907. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-x/pt/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_19070908_pascendi-dominici-gregis.html. Acesso em 10/12/2024.

PRADERA, Víctor. *O Novo Estado*, Tradução portuguesa. Lisboa: Edições Gama, 1947.

SALGADO, Plínio. A questão artística. In: **A Gazeta**, Ano XVI, N.º 4835, São Paulo, 20 de fevereiro de 1922, p. 3.

_____. *O ritmo da História.* 3ª edição (em verdade 4ª). São Paulo: Voz do Oeste, Brasília: INL (Instituto Nacional do Livro), 1978.

SARDINHA, António. *Ao princípio era o Verbo*, 2ª edição, Lisboa, Editorial Restauração, 1959.

SILVEIRA, Tasso da. Cateretê n. 5 para sanfona e violão. In: **Festa**, Ano I, N.º 9, Rio de Janeiro, junho de 1928, pp. 5-8 (1928a). Artigo transcrito na obra *Definição do Modernismo Brasileiro* (Rio de Janeiro: Edições Forja, 1932, pp. 76-88.

_____. *Alegria criadora* (ensaios: 1922-1925). Rio de Janeiro: Edição do Annuario do Brasil, 1928 (1928b).

_____. *Definição do Modernismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Edições Forja, 1932.

_____. Duas meditações. In: **Letras e Artes** (suplemento de **A Manhã**), Ano IV, Nº 168, Rio de Janeiro, 18 de junho de 1950, p. 2. Artigo transcrito na antologia *O sentido da Tradição*, de Tasso da Silveira, organizada por Daniel Fernandes (Rio de Janeiro: Eleia Editora, 2022, pp. 123-128) e em que também se encontra transcrito, aliás, o breve ensaio sobre a tradição citado neste artigo e antes enfeixado no livro *Alegria criadora* (p. 19).

_____. *O sentido da Tradição.* Organização de Daniel Fernandes. Rio de Janeiro: Eleia Editora, 2022.

SILVESTRE, Osvaldo. “Modernismo”. In: MARTINS, Fernando Cabral (Coordenador). *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. São Paulo: Leya, 2010, pp. 472-476.

VENEZIANI, Marcello. *De pai para filho: elogio da Tradição*. Tradução de Orlando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

WILSON, Edmund. *Axel’s Castle: A Study in the Imaginative Literature of 1870-1930.* 1ª edição. New York, London: Charles Scribner’s Sons, 1931.

_____. *O castelo de Axel: Estudo sobre a literatura imaginativa de 1870-1930.* Introdução de Hugh Kenner. Tradução de José Paulo Paes. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.